

Práticas com Músicas do Mundo em aulas de Arte no Ensino Fundamental I

Sérgio Paulo Tückumantel de Almeida
UFSCar
kathono2005@gmail.com

Resumo: Relato de uma experiência iniciada no ano de 2019 e realizada até o ano atual, em que um professor de Arte da rede pública do interior de São Paulo trabalha com repertório de Músicas do Mundo em encontros transdisciplinares cujo resultado passa pelo fazer, conhecer, contextualizar, criar e praticar música. O trabalho traz em sua metodologia conceitos e perspectivas advindas de pedagogias abertas e visões acerca da educação musical oriundas de grandes educadores brasileiros e estrangeiros.

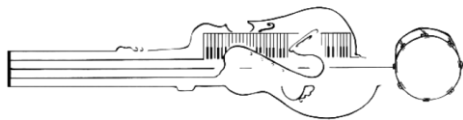
Palavras-chave: Músicas do Mundo. Educação básica. Escola pública. Educação musical. Prática coletiva.

1. Contextualização

As Músicas do Mundo chegaram a uma EMEF em Bom Jesus dos Perdões (SP) a partir de 2015, por meio do elo promovido pelo artista-educador efetivo que atua na matriz curricular de Arte desde 2012. A partir de projetos, diálogos e formações, compreendeu-se que antes de chegar aos sete cantos do mundo era preciso apreender e transformar o primeiro destes cantos: o espaço diário de encontro com as crianças. Desde 2012, foram trabalhados não só os materiais trazidos de outros países para onde viajou, mas também a ampliação de repertórios e a pesquisa, junto às crianças, de brincadeiras, canções, instrumentos e culturas de países que fogem da hegemonia midiática, bem como do próprio Brasil (em português ou línguas indígenas).

Em cada viagem realizada pelo professor, desde sua ida ao Japão para se apresentar com seu grupo de *taiko* em 2013, reverberavam as curiosidades que os alunos tinham. Assim, os interesses despertados faziam florescer a vontade de tocar mais intensamente músicas de lugares pouco falados. Em 2019, em uma viagem ao Equador (continente e Galápagos), um diário de bordo foi trocado entre o professor e as crianças. Os diários eram compartilhados por mensagens e vídeos publicados em seu *blog* de mochileiro, e lido pelas pedagogas em classe. Ao retornar, foi feita uma grande recepção e rodas de conversa com cada turma.

Ainda em 2019, o professor resolveu investir na constituição de um instrumental que prezasse pela qualidade do som. Por meio de diferentes ações e tratativas individuais, com a escola e com a secretaria de educação, somaram-se alguns instrumentos aos que a escola já possuía. O intuito era de que a música, em sua integralidade, não deveria ser limitada apenas às investigações com sucatas, objetos do dia a dia e ao próprio corpo (embora todos esses possam ser de imensa riqueza musical). Dessa forma, evitar-se-ia um distanciamento de toda a

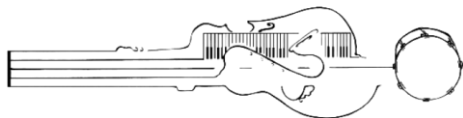


tecnologia musical desenvolvida ao longo de milênios pela humanidade na busca por sonoridades, timbres, clareza, considerando o fato de que há instrumentos que traduzem a própria cultura dos povos através dos tempos.

Assim, em 2019, iniciou-se formalmente o projeto que ficou conhecido como Músicas do Mundo, e que envolveu tanto as crianças em seus turnos como algumas no contraturno daquele ano. As turmas se dinamizaram em diferentes dispositivos pedagógicos, entre oficinas, ensaios, rodas, grupos, aulas expositivas, pesquisas e outros, de forma fluida, sem “encaixotar” momentos. Musicalmente, o educador utilizou também jogos, movimentos, solfejos, percussão corporal, instrumentos e ações que dialogam com abordagens como: a *Orff-Schulwerk* (inclusive com instrumental próprio adquirido pelo professor, com a participação pontual de alguns colegas de escola); a criada por músicos que conheceu, como Fernando Barba e os Barbatuques, Sofia Lopez-Ibor e professores trazidos pela Abraorff, os integrantes do grupo japonês Kodo; e a absorvida nos encontros com Gabriel Levy e a Magnífica Orchestra de Músicas do Mundo (de onde também vieram influências de repertório). Ao final do ano, as turmas passaram a tocar arranjos complexos, com canto e instrumentais para melodia, harmonia e ritmo, como é possível ver nos anexos. No mês de novembro de 2020, o projeto foi premiado nacionalmente pelo Instituto Arte na Escola (IAC), com o Prêmio Arte na Escola Cidadã, principal prêmio da Arte-Educação no Brasil, na categoria Ensino Fundamental I.

Como muitas instituições públicas de ensino, a escola possuía problemas de infraestrutura que comprometeram a experiência artística nas aulas de Arte (desde falta de espaço, infiltrações e goteiras a turmas com 35 crianças para apenas um educador, incluindo crianças com deficiência e dificuldades socioemocionais e/ou de aprendizagens). Nas abordagens ativas do ensino de música, há a necessidade de que o ambiente seja amplo o suficiente para se mover, sentar-se confortavelmente em círculo, comportar instrumentos (guardados e em uso), sem invadir o espaço do movimento, boa acústica, piso adequado e privacidade em relação a ruídos (GOODKIN, 2010, p. 3).

As salas de aula preenchidas de carteiras muitas vezes impedem o movimento e a livre circulação; foi isso que motivou o professor a entrar em contato com a coordenação da escola, levantando a possibilidade de não mais trabalhar nas salas. Nesse diálogo, conquistou-se o espaço “Sala de Arte em Movimento”: um local antigamente subaproveitado (depósito de equipamentos sem uso) em um espaço amplo, sem carteiras, com a possibilidade de utilizar instrumentos e realizar movimentos. No final do ano de 2022, uma integrante da Magnífica



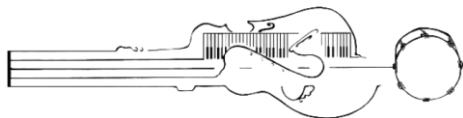
Orchestra de Músicas do Mundo doou um piano que estava sem uso para o educador utilizar na escola, como é possível ver na evolução do espaço mostrada nas imagens nos anexos.

Para que qualquer prática em educação musical possa ocorrer, é necessário que o ambiente educativo seja adequado para a proposta, o momento e as pessoas. Em uma escola pública é quase uma utopia ainda desejar salas com tratamento acústico, como sugerem França (2016) e Goodkin (2010); no entanto, é importante que, como sujeito político, todo educador argumente, lute e se movimente para criar novas configurações espaciais a fim de que a educação (não só musical) possa ocorrer de forma integral e potente.

Essa foi uma etapa importante para o desenvolvimento pleno do projeto, pois muitos momentos e dispositivos pedagógicos necessitavam de espaço adequado para serem bem utilizados. Para as abordagens pedagógico-musicais, que interligam música e movimento, é necessário prestar atenção ao espaço educativo, que convida a uma experiência diferente da sala tradicional, de se assistir a uma aula expositiva de forma passiva.

Quadro 1: Caracterização geral do estudo de caso

Local	Escola municipal de anos iniciais do Ensino Fundamental, situada em bairro periférico no município de Bom Jesus dos Perdões, SP.
Situação	Encontros de Arte e Música com turmas regulares (dentro da matriz curricular) por meio do projeto Músicas do Mundo (escrito pelo educador e homologado pela SME para a escola), que, em 2020, foi premiado nacionalmente.
Recorte de tempo	Maior de 2019 a fevereiro de 2022.
Encontros	Aproximadamente 50 minutos, duas vezes por semana, na sala de Arte em Movimento.
Instrumentos da escola	Tambores de lata (feito pelos alunos), 7 escaletas, bumbo, ganzás, triângulo, pandeiros de plástico, teclado e 1 glockenspiel.
Instrumentos do professor (levados a cada necessidade):	<i>Cajón</i> , xilofones (7 sopranos, 5 contraltos, 3 baixos), 3 metalofones (1 contralto, 1 soprano e 1 sopranino), tumbadoras, alfaia, garrafones (PET afinados com ar comprimido), <i>boomwackers</i> , violão, <i>ukulele</i> , <i>theremin</i> , <i>taiko</i> , <i>kalimbas</i> , flautas, brinquedos, apitos de pássaro, pequenas percussões de variados tipos e piano.



Materiais para pesquisa de repertórios de canções, brincadeiras, entre outras possibilidades	Livros, <i>sites</i> da internet, contato com professores e músicos envolvidos com a temática da <i>world music</i> ou de outros lugares e países, através do contato com Gabriel Levy e a Magnífica Orchestra de Músicas do Mundo, com grupos de <i>Taiko</i> e por meio de formações e oficinas.
Alguns países e culturas do mundo contemplados	Albânia, Alemanha, Argentina, Bolívia, Brasil, Camarões, Chile, China, Colômbia, Equador, Emirados Árabes, Espanha, EUA, Gana, Grécia, Guiné, Japão, Marrocos, México, Moçambique, Nova Zelândia, Peru, Portugal, Zimbábue.

Fonte: Dados organizados pelo autor.

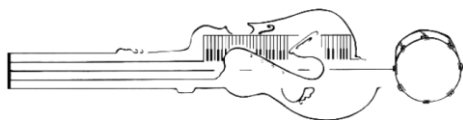
2. Toda aula é um encontro, mas nem todo encontro deve ser uma aula

Neste artigo, o termo “encontro” será utilizado para definir o momento em que, durante certo período de tempo, e em determinado espaço físico, a aprendizagem ocorre por meio da relação professor-estudantes. Este momento é comumente chamado de aula; no entanto, como veremos adiante, aula expositiva pode ser considerada um dispositivo pedagógico, mas não o único. Portanto, ao invés de utilizar o termo “aula” para esse tempo-espaço de aprendizagem, o chamaremos de encontro, sob uma perspectiva circular que considera que no centro não está nem o aprendente, nem o educador, nem o conteúdo, e sim as relações estabelecidas (ALMEIDA, 2021).

Compreender a diferença entre aula e encontro parece, em primeira instância, algo desprovido de qualquer importância; afinal, são termos muito utilizados e universalizados. No entanto, quando caminhamos na busca pela clareza dos processos pedagógicos, vemos que não é tão simples essa diferenciação, pois notamos a importância de chamar cada coisa por seu nome.

Em uma consulta simples ao dicionário Caldas Aulete, vemos que o termo “aula” está tanto ligado ao espaço (sala, classe, como é o comum no português de Portugal e no espanhol) quanto também ao momento, porém sempre conectado ao discurso, ensinamento, palestra (imagem 4). Ao fazer o mesmo com o termo “encontro”, logo se nota a riqueza de possibilidades (e até de poesia) em cada termo que se conecta a ele, como “Ação ou resultado de encontrar(-se), de chegar (pessoa ou objeto) diante de outra ou outro” ou “Ação ou resultado de descobrir, de achar; DESCOBRIMENTO” (imagem 1) (DICIONÁRIO CALDAS AULETE, acesso em julho de 2021; destaque nosso).

Imagem 1: Diagrama com a palavra “encontro” | Imagem 2: Diagrama com a palavra “aula”



Fonte: Diagramas gerados automaticamente no *site* do dicionário Aulete Digital (DICIONÁRIO CALDAS AULETE, acesso em julho de 2021).

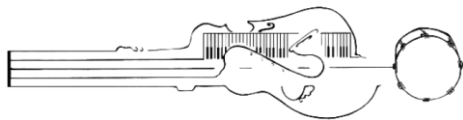
Somente quando percebemos a importância do termo “encontro”, sempre utilizado pelo educador no caso que estudamos, entendemos a clareza diante das possibilidades de aprendizagem em um contexto integral, no qual a música e a arte se constituem primordialmente como elementos humanos nascidos e cuidados através das relações, do convite, do encontro.

3. Músicas do Mundo na escola pública

Primeiramente, fazemos uma pequena defesa partindo de dois especialistas na área: Gabriel Levy, em sua dissertação de mestrado, cita o argumento levantado por Teca de Alencar para justificar a presença das Músicas do Mundo no ambiente de educação musical das crianças. Levy (2021) aponta que Teca defende a ideia de que o contato com a diversidade musical do mundo, para além da música hegemônica, pode gerar formas mais abertas de escuta, o que traria melhor qualidade na relação da criança com a sua escuta e o seu fazer.

Os trabalhos do professor analisados aqui, a partir de 2019, passaram a ter um formato diferente do tradicional, variando entre diversos dispositivos pedagógicos, da aula expositiva aos ensaios, jogos e rodas de conversa, passando até por alunos registrando em fotografia os encontros (ALMEIDA, 2021).

Desde então, cada encontro (que não seja das demais linguagens artísticas, como a pintura ou a escultura) é iniciado em roda, partindo de um jogo ou dança circular. O jogo ou dança já estão conectados com a música ou a prática que os estudantes terão a seguir, ou seja, se for um trabalho rítmico, esse jogo trará elementos de aquecimento para o trabalho rítmico; se for uma canção estrangeira, poderá então ser uma escuta ativa ou uma dança partindo de escutas posteriores.



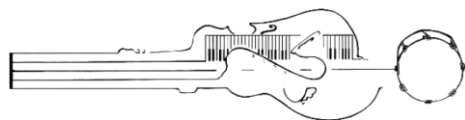
Assim, as pedagogias abertas, descritas em trabalhos apresentados no FLADEM, por exemplo, trazem a visão de que “uma educação musical flexível e aberta tende a romper estereótipos e a instaurar novos paradigmas de comportamento e aprendizagem no contexto escolar e social” (BRITO, 2012, p. 9). Portanto, antes de se chegar a um material coletivo no fazer musical, foi trabalhado repetidamente um repertório de jogos, brincadeiras, rodas de conversa sobre culturas e povos e interações com o mapa-múndi da sala.

Curiosamente, também houve estratégias de criação musical, que podem parecer fora do eixo no primeiro instante, mas que vão de acordo com o que o educador musical Keith Swanwick argumenta ser importante ao defender o C(L)A(S)P: “A ideia do *clasp* também pode ser útil para o professor perceber se está gastando muito tempo, digamos, no L, descrevendo fatos históricos e desenhando instrumentos, por exemplo” (GONZAGA, 2010). O próprio criar acaba, posteriormente, se conectando ao tocar um repertório existente, assim como a educação musical também se permite a transdisciplinaridade com demais linguagens e áreas do conhecimento. O mapa-múndi como dispositivo pedagógico, por exemplo, é o disparador de muitas ações que se desenrolam no decorrer das práticas que vão se complementando.

No decorrer dos anos, as músicas eram escolhidas pelo educador a partir de demonstrações de interesses dos estudantes por determinada cultura ou nação – algumas vezes conectadas ao que falavam nas rodas, ao que descobriram nos mapas e livros, ou até por desafios) – ou por iniciativa pedagógica, no sentido de compreender que o que estava sendo vivenciado ali traria contribuições artísticas e musicais importantes para o universo já apresentado pelas crianças, além de contribuir para toda a questão transdisciplinar de que uma escola básica trata.

Quadro 2: Algumas Músicas do Mundo registradas no processo

Turma	Música e país de origem	Ano
1ºano	Cantigas populares brasileiras (Brasil).	2019
2º ano	Po Hamék (Krenak – Brasil) e cantigas populares brasileiras.	2019
3º ano	Aram sam sam (Marrocos), Señora Chichera (Chile), Carnavalito (Bolívia).	2019

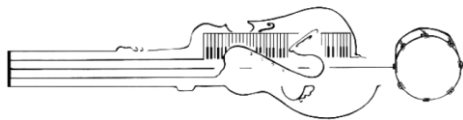


4° ano	Tsakonikos (Grécia), Si Kumbale (Afro-equatoriana), Tanabata (Japão).	2019
5° ano	Tortuga (Colômbia), Bella Ciao (Itália).	2019
Multisseriado	Hoy traigo una canción (Chile), Jarnana (Albânia).	2019
5° ano	Erva Cidreira (Portugal), Yole Aboro ma (Guiné), Mamana Rosita (Moçambique), Dicen que el mundo es redondo (Argentina), Cangoma (Brasil).	2021
1° a 4° ano	Aram sam sam (Marrocos), Taa taa te (Gana), Epo e tai (Nova Zelândia), Elala elio (Camarões), Maracangalha; Que qui tu tem canário; Canto do povo de um lugar, Nhandebaratê, Tebyu Porã (Brasil), Suíte dos Sapos (Junção de três músicas sobre sapos, uma recriação), Kaeru no Uta ga (Japão).	2022
5° ano	Nhanderu (Brasil – Guaraní Mbya), Panaderas (Espanha), Murucututu (Brasil), músicas do cancioneiro popular (com aves do Brasil).	2022

4. Processos educativos em movimento em um mundo em movimento

Ao final de 2019, o trabalho das crianças já vinha sendo reconhecido, seja pelos seus resultados, seja pelas observações do processo. Foram notados aspectos como: envolvimento acima da média, vontade de ir além, valorização da comunidade, reconhecimento por parte de outros educadores e criação de uma nova cultura de prática musical coletiva.

A metodologia dos encontros, de forma mais aberta, chamou a atenção de educadores (não necessariamente musicais) sobre questões que abordamos nos encontros, por exemplo, dispositivos pedagógicos, escolhas sociocráticas e ações políticas que transformaram o ambiente escolar. Para ilustrar esse último item, há o fato de que hoje a escola dispõe do único instrumental *Orff* completo em escola pública de que se tem notícia, para que os alunos criem, toquem, conversem, movimentem-se e brinquem, trilhando um caminho de aprendizagem



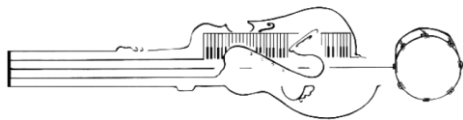
muito mais condizente com o que se acredita na educação integral, que vai muito além da educação musical apenas.

Em 2020, com a premiação nacional no Prêmio Arte na Escola Cidadã, do Instituto Arte na Escola, comprovou-se a necessidade de que a valorização da escola pública, interna e externa, seja uma consequência de esforços individuais e coletivos. Em 2021, houve um esforço para que as crianças tocassem no lançamento de um livro na cidade, o que infelizmente acabou não se concretizando por questões políticas envolvendo hierarquias, trocas de comando etc.

5. Considerações finais

Importante ressaltar o ganho, dentro da educação musical, que pode ser facilmente identificado nos processos de exploração (diferentes instrumentos, ritmos, melodias, escutas, línguas, culturas, danças...). Portanto, há riqueza no fazer, muitas vezes não possível em aulas “sobre música” amparadas apenas no ler (livros e apostilas) e ver (vídeos); nos processos de criação, como já mencionado, com frequência fora do eixo das Músicas do Mundo, afinal estas não eram o objetivo e sim o caminho escolhido; e, por fim, na execução performática, cujo resultado das músicas tocadas e cantadas eram uma consequência do trabalho, ressaltando que uma qualidade sonora, nesse resultado, também retroalimenta todo o processo através do encantamento. Isso sem deixar de lado as questões que envolvem os conceitos teóricos (parâmetros, leituras, correções da prática a partir da teoria...), muitas vezes abordadas de forma ativa, lúdica e construída de acordo com a fluidez de cada turma, a cada encontro.

O trabalho torna-se crescente a partir do momento em que passa a ser reavaliado a cada momento, buscando melhorias, formas de se chegar a todos com equidade, incluindo e valorizando os potenciais, a fim de mostrar que a escola pública não deve ser vista como depósito e nem como “última opção” para os que não podem pagar uma escola privada. Portanto, reconhecendo todas as fragilidades do sistema e da unidade é que podemos ter uma visão integral dos processos e celebrar cada evolução, cada conquista, cada valorização, pensando nas artes e na música – não de forma encaixotada como as matrizes curriculares muitas vezes olham, mas como o caminho para uma educação decolonial, integral e humanizada, que concretize nas práticas, nos processos e nos resultados o reconhecido mote de uma educação musical que tenha o desenvolvimento humano como objetivo.



Referências

ALMEIDA, Sérgio Paulo Tückumantel de. *Paradigma da aprendizagem na Educação Musical: identificando dispositivos pedagógicos no projeto “Músicas do Mundo”*. São Carlos, 2021. 29f. Trabalho de Conclusão de Curso - UFSCar: Programa de Pós-Graduação - Especialização Música em Movimento: propostas para a educação escolar. São Carlos, 2021.

BRITO, Teca Alencar de. FLADEM: Fórum Latinoamericano de Educação Musical: por uma Educação Musical Latinoamericana. *Revista da Abem*, Londrina, v. 20, n. 28, p. 105-117, 2012.

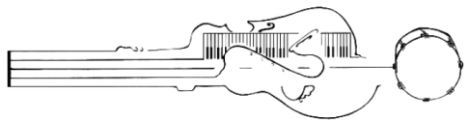
DICIONÁRIO CALDAS AULETE. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/encontro>. Acesso em: 21 julho 2021.

FRANÇA, Cecília Cavalieri. *Hoje tem aula de música?* Belo Horizonte: MUS, 2016.

GONZAGA, Ana. Keith Swanwick fala sobre o ensino de música nas escolas. *Nova Escola*, 1º jan. 2010. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1017/keith-swanwick-fala-sobre-o-ensino-de-musica-nas-escolas>. Acesso em: 19 fev. 2023.

GOODKIN, Doug. A sala ideal para Orff-Schulwerk. *Jornal da Abraorff*, São Paulo, ano 5, 5. ed., dez. 2010.

LEVY, Gabriel José. *Músicas do mundo em processos educativos*. São Paulo, 2021. 106f. Dissertação (Mestrado em Musica). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.



ANEXOS

A – Link para transmissão do XXI Prêmio Arte na Escola Cidadã

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r6huTDrJces>. Acesso em: 12 maio 2023.

B – Registro de encontros em diversos momentos e dispositivos pedagógicos



Fonte: Acervo do autor.

C – Evolução da Sala de Arte em Movimento – EMEF (2017, 2018, 2020, 2023)



Fonte: Acervo do autor.